

TRAJETÓRIAS DE MULHERES MESTRAS DO CEFET-MG EM ÁREAS DE HUMANAS E TECNOLÓGICAS

Camila Gonçalves Guimarães
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social – UFF
camila@cefetmg.br

Raquel Quirino
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Cefet-MG
quirinoraquel@hotmail.com

*Simpósio Temático nº 15 – Divisão Sexual Do Trabalho, Relações De Gênero E
Diversidade Sexual: Desafios Atuais E Interlocações Com A Ciência & Tecnologia
(C&T) E A Educação Profissional E Tecnológica (Ept)*

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar as trajetórias acadêmico-profissionais de mulheres tituladas como mestras em Educação Tecnológica e em Modelagem Matemática Computacional no Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-MG, no período de 2005 a 2016, de forma a desvelar as dificuldades, o sexismo, os estereótipos e marcadores de gênero presentes em suas escolhas acadêmicas e profissionais, bem como as estratégias de resistência desenvolvidas. Reflexões acerca da permanente clivagem entre os sexos nas áreas de conhecimento e de trabalho consideradas “humanas e sociais” e outras de caráter “científico e tecnológico” são discutidas tendo como base teórica “os princípios norteadores da divisão sexual do trabalho” proposta por Hirata e Kérgeat (2007), nos quais existem trabalhos destinados às mulheres e trabalhos destinados aos homens, e que o trabalho do homem, em todas as sociedades conhecidas até os dias atuais, tem um valor social e econômico maior do que o da mulher. A divisão sexual do trabalho, como a forma de divisão social do trabalho decorrente das relações sociais de sexo, modelada histórica e socialmente, parte do pressuposto de que o lugar do homem é no espaço produtivo e o da mulher, no espaço reprodutivo ou doméstico. Destarte, apesar dos avanços femininos na área acadêmica e profissional, sua inserção e ascensão nas áreas de ciência e tecnologia (C&T) enfrentam ainda muitos obstáculos.

Palavras-chave: Educação. Computação. Trajetória das mulheres. Divisão sexual do trabalho.

ABSTRAT

The present work aims to analyze the academic-professional trajectories of women graduated as Masters in Technological Education and Computational Mathematical Modeling in the Federal Center of Technological Education - CEFET-MG, from 2005 to 2016, in order to reveal the difficulties, sexism, the gender stereotypes and markers

present in their academic and professional choices, as well as the resistance strategies developed. Reflections on the permanent cleavage between the sexes in the areas of knowledge and work considered "human and social" and others of a "scientific and technological" character are discussed on the theoretical basis of "the guiding principles of the sexual division of labor" proposed by Hirata and Kér goat (2007), in which there are works destined to women and works destined for men, and that the work of the man, in all the known societies until the present day, has a greater social and economic value than the one of the woman. The sexual division of work, as the form of social division of work resulting from social sex relations, historically and socially modeled, part of the assumption that man's place is in the productive space and women's, in the reproductive or domestic space. Therefore, despite the female advances in the academic and professional fields, their insertion and ascension in the areas of science and technology (s&t) still face many obstacles.

Keywords: Education. Computing. Women's trajectory. Sexual division of labor.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta as trajetórias acadêmicas e profissionais das egressas do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) e do Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática Computacional (PPGMMC) do CEFET-MG, desde o início dos respectivos cursos em 2005 até o ano de 2016. Objetiva-se analisar em que medida a sua condição feminina influenciou essas escolhas, os estereótipos e marcadores de gênero presentes, os desafios e obstáculos enfrentados, as estratégias desenvolvidas, enfim, compreender, se e como, a divisão sexual do trabalho exerceu alguma influência na trajetória dessas mulheres no mundo acadêmico e na atuação profissional.

Nos últimos anos as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço no mundo do trabalho, acadêmico, científico e tecnológico. No entanto, as relações de gênero presentes nos espaços laborais e de formação profissional continuam sendo marcadas por sexismo e estereótipos construídos socialmente (LIMA, 2013). Assim, esse estudo busca discutir a divisão sexual do trabalho, com seus princípios organizadores que determinam os lugares destinados aos homens e às mulheres na formação e atuação profissional e o valor social e econômico agregado ao trabalho realizado por eles e elas (HIRATA e KÉRGOAT, 2007).

Historicamente as mulheres são incentivadas pelas famílias e pela sociedade a optarem por áreas de formação e atuação profissional relacionada ao cuidado, como uma extensão do trabalho doméstico que lhe é imposto desde o nascimento. Estão

presentes nessas escolhas acadêmicas e profissionais das mulheres, sobretudo as carreiras nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e da Saúde. Já os homens são estimulados desde a infância a buscarem sua formação e condicionarem suas carreiras para as áreas consideradas duras: Ciências Exatas, Tecnológicas e Engenharias, segundo evidenciam os dados do Censo do Ensino Superior (INEP, 2016).

Destaca-se a escolha do CEFET-MG como lócus da pesquisa empírica por se tratar de uma instituição centenária voltada para a educação profissional, historicamente e hegemonicamente, marcada pela presença masculina. É uma autarquia de regime especial vinculada ao MEC (Ministério da Educação e Cultura), constituindo-se também em uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), com 11 campi no Estado de Minas Gerais, sendo uma instituição especializada “na oferta de educação tecnológica, nos diferentes níveis e modalidades de ensino com atuação prioritária na área tecnológica” (Decreto n. 5.224 de 01/10/04).

Este estudo está fundamentado na perspectiva da totalidade, na qual, segundo Kosik (1976), significa a realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer pode vir a ser racionalmente compreendido. Possui uma abordagem qualitativa, para Moljo (2000), a pesquisa qualitativa possui algumas considerações que são imprescindíveis. A primeira é entender o indivíduo em sua singularidade. A segunda é reconhecer a importância do conhecimento da experiência social desses sujeitos. Percebendo o valor do seu modo de vida, que é justamente a forma em que estes constroem e vivem suas vidas, num processo que envolve sentimentos, valores, costumes e práticas sociais.

Para análise teórica dos dados empíricos foi realizada uma pesquisa de levantamento em dissertações, teses, artigos científicos e livros sobre os temas mais relevantes para a compreensão do objeto de estudo. Os dados documentais necessários à contextualização e compreensão do objeto de estudo foram levantados nos sites do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), FCC (Fundação Carlos Chagas), dentre outros.

Em relação às alunas egressas os dados foram colhidos na Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG) da instituição e nas secretarias dos programas de pós-graduação. Os dados sobre as formações acadêmicas e atuação profissionais anteriores e posteriores à conclusão do mestrado foram obtidos em seus respectivos Currículos Lattes, acessando a Plataforma Lattes do site do CNPq.

Para as entrevistas, foram escolhidas e agrupadas alunas que tiveram toda uma trajetória na área de humanas ou exatas e as que romperam esta trajetória, mudando de área. Assim, foram selecionadas mulheres com perfis diferentes nos níveis educacionais e de atuação profissional, sendo escolhida uma de cada grupo proposto. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Em ato contínuo, excertos dos discursos das entrevistadas que possam contribuir para o desvelamento do objeto pesquisado foram escolhidos e analisados por meio da análise de conteúdo, o que segundo Bardin (2009) constitui-se em um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto nas comunicações, tem por finalidade a interpretação destas. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa registrado junto ao CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

APROXIMAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

Kergoat e Hirata (2007) assinalam que a divisão sexual do trabalho se baseia em dois princípios centrais e organizadores: (i) o princípio da separação e (ii) o princípio hierárquico. O princípio da separação define que existem trabalhos que são específicos para os homens e outros trabalhos que são exclusivos para as mulheres, em uma clara associação das atividades separadas de acordo com as competências naturais inerentes às constituições biológicas de ambos.

A imposição da separação de trabalhos segundo o sexo biológico cria clivagens sociais e delega às mulheres o trabalho doméstico, invisível e sem valor econômico e social. E, mesmo quando se trata do mercado de trabalho assalariado, a elas são delegadas áreas e funções ditas femininas, as quais são um prolongamento do trabalho doméstico, como funções mais precarizadas, desqualificadas, repetitivas e desvalorizadas.

O segundo princípio, denominado princípio da hierarquia, complementa o primeiro, transformando as relações sociais estabelecidas entre os sexos na divisão social do trabalho em relações de poder. Postula que o trabalho do homem tem mais valor agregado do que o trabalho da mulher, independentemente de onde for realizado. Dados do IBGE (2018) constata tal assertiva, uma vez que no Brasil as mulheres ainda recebem 75% dos salários dos homens nas mesmas funções.

Para Alves (2013:273-281), esses dois princípios têm como fundamentação e legitimação a ideologia naturalista que rebaixa o gênero a uma análise puramente biológica, descaracterizando a natureza desigual e hierárquica da separação entre trabalhos de homens e trabalhos de mulheres. Tendo como referenciais pesquisas das áreas de medicina e da biologia que buscavam provar que existem duas espécies humanas com aptidões e qualidades diferentes, a base para essa exclusão é a separação dos espaços públicos e privados. À mulher cabe o espaço doméstico no qual predominam o uso do "coração, a sensibilidade, os sentimentos"; e o espaço público, destinado ao homem, cabe à parte mais importante: o cérebro, a razão, a inteligência.

As mulheres eram pouco incentivadas a ingressar na educação formal, e quando se aventuravam a estudar, as áreas escolhidas estavam relacionadas às humanidades e às atividades consideradas exclusivamente femininas, poucas eras as que realizavam formação técnico-profissional. Para elas eram destinadas as profissões com ligação direta ao cuidado, associadas às características de leveza, afetividade, fraqueza física, e outras, o Magistério era a área mais procurada. (ROSA e QUIRINO, 2016: 47).

Segundo Lima, “os obstáculos que impendem e dificultam a maior participação da mulher no campo científico, apesar de concretos, não são formais” (2013:884) e se apresentam de duas formas:

[...] a) exclusão vertical, que se refere à sub-representação das mulheres em postos de prestígio e poder, mesmo nas carreiras consideradas femininas; e b) horizontal, que se refere ao pouco número de mulheres em determinadas áreas do conhecimento, em geral, de maior reconhecimento para a economia capitalista, as consideradas ciências “duras” – exatas e engenharias (LIMA, 2013: 884).

Olinto (2011:69) apresenta a segregação horizontal diretamente ligada à escolha da área de atuação das mulheres pela influência da família e da escola, sendo assim, levadas a escolherem profissões diferentes das dos homens. As meninas geralmente escolhem as áreas nas quais se consideram mais aptas, àquelas voltadas para atividades tidas como femininas, pois, “a segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero”. Destarte, como as profissões femininas possuem menos prestígio e são menos valorizadas, tanto socialmente como financeiramente, a exclusão das mulheres no campo da ciência está mais diretamente relacionada à segregação vertical. A autora reforça que a segregação

vertical é uma forma ainda mais invisível e sutil de exclusão, pois, na maioria das vezes as próprias mulheres não a percebem, o que não permite que elas cresçam, permanecendo assim, em cargos de menor prestígio na área de atuação escolhida.

Lima (2013: 885) destaca que os dois tipos de exclusão estão interligados e, por mais que as mulheres conquistem espaços no meio científico, poucas são estas que se destacam e se tornam reconhecidas. Tanto Olinto (2011) quanto Lima (2013) utilizam o termo teto de vidro como metáfora para descrever a segregação vertical sofrida pelas mulheres e os processos que dificultam no trabalho a ascensão profissional das mulheres. A esse respeito Lima (2013:885) aponta que

O teto de vidro tem sido utilizado como metáfora para representar o obstáculo invisível, porém concreto, que impede as mulheres de chegarem a determinadas posições de prestígio nas profissões. Esse conceito contribui para o entendimento de duas importantes questões: 1) a transparência de vidro, que se refere à ausência de barreiras formais/legais que impeçam a participação de mulheres em cargos e posições de poder, ou seja, as dificuldades das mulheres não pode ser medidas somente pela ausência de dispositivos legais contra a sua atuação profissional; e 2) a posição do teto, que representa que há um entrave para ascensão das mulheres, dessa forma, é possível que elas transitem pelas posições dispostas na carreira até um determinado ponto: o topo de uma determinada profissão.

Para a mesma autora, esse conceito explica as dificuldades das mulheres em atingir em algumas carreiras posições de destaque e a exclusão de mulheres em determinadas ocupações, como nas ciências e tecnologias. No entanto, a metáfora do teto pode transmitir a impressão de que essa é a única dificuldade enfrentada pelas mulheres na vida profissional. Porém, a barreira não está presente somente no momento de atingir o topo da carreira, mas, sim, durante todo o percurso, inclusive para se definir a profissão (LIMA, 2013: 885).

Lima (2013: 886) apresenta então o conceito de labirinto de cristal para explicitar a segregação horizontal sofrida pelas mulheres durante todo seu percurso acadêmico e os obstáculos enfrentados na escolha da sua área de atuação, em que pese sua condição feminina. O termo demonstra a exclusão e a discriminação feminina em determinadas áreas do conhecimento e de atuação devido ao gênero. Assim,

O labirinto tanto simboliza os diversos obstáculos dispostos na trajetória científica feminina quanto apresenta suas variáveis consequências, tais como: desistência de uma determinada carreira,

sua lenta ascensão e estagnação em um dado patamar profissional. Por causa dos diversos desafios e armadilhas dispostos no labirinto, os talentos femininos são perdidos ou pouco aproveitados. Assim, as contribuições presentes na metáfora do labirinto são: a) o entendimento de que os obstáculos estão presentes ao longo da trajetória profissional feminina, e não somente em um determinado patamar; b) a compreensão de que a inclusão subalterna das mulheres nas ciências e sub-representação feminina nas posições de prestígio no campo científico são consequências condicionadas por múltiplos fatores; c) a concepção de que as barreiras e armadilhas do labirinto não estão somente associadas à ascensão na carreira, mas também ao ritmo do ganho de reconhecimento de atuação das cientistas e à sua permanência ou não em uma determinada área (LIMA, 2013: 886).

Dessa forma, evidencia-se que as barreiras para as mulheres em determinadas áreas, como as de Ciência e Tecnologia são concretas e se manifestam de diversas formas, porém aparentemente invisíveis como um vidro ou um cristal, podendo as vezes passarem despercebidas e parecerem que não são reais.

Em se tratando de escolhas profissionais, evidenciam-se nos dados oficiais (INEP, 2016) apesar de terem diversas possibilidades de escolhas, as mulheres contemporâneas continuam escolhendo profissões feminilizadas, como na área da educação. Em 2016, 52% dos ingressantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas são mulheres, sendo que nas Escolas Politécnicas, apenas 18% (INEP, 2016).

Pode-se inferir que as escolhas dessas mulheres foram forjadas histórica e culturalmente uma vez que “as psiques masculina e feminina vão sendo fabricadas nas centenas de milhares de anos seguintes, dependendo destas mesmas relações (MURARO, 2002, p. 191)”.

TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DAS EGRESSAS DO PPGET E DO PPGMMC DO CEFET-MG: MOTIVAÇÕES E DESAFIOS

Os dados quantitativos da pesquisa apontam para um maior número de mulheres nas áreas das humanidades (educação) e dos homens nas áreas de exatas (computação) nos programas de pós-graduação analisados, buscou-se, por meio dos relatos dessas mulheres obter subsídios para compreender e refletir acerca de suas escolhas acadêmico-profissionais à luz da teoria de base, evitando-se o lugar comum, que vitimiza as mulheres e as coloca como inertes, passivas ou “reclamonas”.

As escolhas de carreiras das mulheres não se resumem apenas ao esforço pessoal e em aproveitar as oportunidades e condições disponíveis, mas envolve construções históricas e sociais. A mulher era vista como naturalmente inclinada ao trato com as crianças e com a educação. Isso ainda está muito enraizado nos dias de hoje, muitas mulheres ainda tem essa visão que a educação é um dom natural da mulher. Nesse entendimento, uma das entrevistadas discorre acerca da sua motivação em ensinar como sendo algo natural, apesar de ter uma formação na área de exatas, o que lhe permitiria um leque de outras possibilidades profissionais. Sua percepção pela docência tem um significado subjetivo, como algo natural, inerente à sua condição feminina.

(...) Quando terminei o curso, eu tentei procurar emprego, e comecei a lecionar, dava aulas particulares, eu peguei aulas para substituir professores, dar aula foi quase que natural pra mim, sempre gostei e tive dom de ensinar. Ser mulher facilita isso (...) (ENTREVISTADA).

Quando eu trabalhava só na área técnica, como sempre fui muito desinibida, muito falante, sempre fui muito extrovertida, sempre me dei muito bem com o pessoal da área, sempre conversei muito, e sempre percebi uma necessidade enorme de qualificação, então eu começava a ensinar para os operários, isso chamou atenção do pessoal lá, e aí eles me transferiram para o setor de treinamento. Era um local mais adequado para mim por ser mulher, uma vez que a área operacional era muito suja e pesada (ENTREVISTADA).

A partir das falas reportadas anteriormente evidencia-se uma alusão das entrevistadas às aptidões ou dons naturais femininos para a escolha pela área da docência. Nesse sentido há um desconhecimento da construção da feminilidade como uma construção histórica e a corroboração de que as competências femininas no mercado de trabalho são desvalorizadas por serem consideradas dons naturais e não qualificações profissionais adquiridas, conforme sinalizam Hirata e Kér goat (2007).

Em uma das falas evidencia-se que no mercado de trabalho o fato de ser mulher engenheira trazia uma desvalorização profissional, uma vez que não era contratada para exercer o cargo de sua formação:

(...) fui contratada com um cargo que lá eles davam o nome de executiva de pós-vendas em assistência técnica, que equivale a um analista, lá eles chamam de executivo, pra não contratar como engenheira, e pagar o piso salarial de engenheiro, então eles contratam como executiva. Mas os homens todos contratam como engenheiros (ENTREVISTADA).

Quando eu trabalhava na mina, tinha que ter um motorista homem pra me levar pra área. Eu nunca podia dirigir o carro da empresa embora fosse habilitada e isso fosse uma exigência da empresa para o meu cargo. Mas os gerentes não deixavam, Sempre ia com um motorista dirigindo. Também quando ia apresentar os dados de produção nas reuniões mensais ouvia piadinhas de duplo sentido. Um dia eu disse a palavra “mensuração” e um dos engenheiros perguntou se eu havia dito “menstruação” (ENTREVISTADA).

Os relatos denotam os preconceitos de gênero e o sexismo que se refere às discriminações sexuais e ao conjunto de ideias ou ações que privilegiam um indivíduo de determinado sexo. Ainda que supostamente revestidas de um “cuidado” para com as mulheres ao adentrarem a área industrial, consideradas inóspitas e de riscos, evidenciam-se as relações assimétricas, de dominação e de desigualdades existentes entre homens e mulheres nos ambientes de trabalho, sobretudo das áreas técnicas e tecnológicas.

Evidencia-se que as trajetórias dessas mulheres foram marcadas por sexismo, preconceitos de gênero, grandes desafios e dificuldades, bem como estratégias de resistências. As barreiras nem sempre são visíveis e se encontram em diversos âmbitos seja no trabalho, na vida social, na área acadêmica e no ambiente doméstico.

Na fala dessas mulheres fica evidente a dificuldade em conciliar o trabalho produtivo com o trabalho reprodutivo, a mulher assumiu o trabalho produtivo, no entanto o homem não participa na mesma medida do trabalho reprodutivo. As mulheres que almejam alcançar patamares mais altos enfrentam os mesmo embates para conseguirem estudar. Ainda segundo uma entrevistada que estudava muitas horas de segunda a sexta, mas reservava o sábado e domingo para se dedicar exclusivamente ao lar.

(...) eu me desdobrava de segunda a sexta e no sábado e domingo eu nunca estudava. Eu fazia as comidas que ele (marido) gostava, eu ia no salão de beleza me “emperiquitar” pra ele; no domingo a gente ia almoçar fora, levar o bebê pra passear. Eu acho que até que foi bom por um lado, porque eu tive tempo de vivenciar um pouco a infância do meu filho junto com ele, mas por outro lado eu ficava aflita porque eu precisava muito estudar e terminar meu doutorado (ENTREVISTADA).

A esse respeito, Olinto (2011) esclarece que as mulheres cientistas têm menos horas disponíveis para a pesquisa e, por consequência, dificuldades para receber bolsas

de produtividade, uma vez que têm de dedicar mais horas aos trabalhos domésticos do que os homens na mesma profissão.

Diante de tantas dificuldades enfrentadas as mulheres demonstraram que as relações sociais assimétricas entre os sexos podem ser consideradas fator principal da divisão sexual do trabalho. Buscando-se compreender melhor o que influenciou e/ou motivou a sua escolha foi abordado como as entrevistadas avaliam a influência de sua família na escolha profissional. Uma Entrevistada respondeu:

Total, completamente. Eu fui levada às minhas escolhas pelos meus pais, eu tenho certeza disso; minha família é toda de exatas, todo mundo é engenheiro, matemático, então é assim. Uma coisa que desde pequena, aos sete anos meu pai me colocou num curso de manutenção de computadores, tinha eu e meu irmão de crianças, numa turma de adultos mexendo no MS-DOS, então desde pequena a gente foi incentivada a mexer com a tecnologia (ENTREVISTADA).

Ao contrário, outra Entrevistada, que não obteve apoio em sua escolha, relata ao ser indagada:

Não, pelo contrário, não tive tanto apoio não! Principalmente por ter escolhido um curso de matemática, num primeiro momento você escuta pai e mãe falando assim: “Nossa, queria tanto que você fosse médica, tanto que fosse advogada, você vai escolher logo ser matemática! O que você vai fazer com isso?” Eu ainda tinha em mente que havia outras possibilidades para o trabalho, mas depois que estava quase me formando, não tive problema com isso não! (ENTREVISTADA).

Evidenciam-se nos relatos, a importância da influência da família na escolha profissional, e comprova como a “aptidão” é algo construído socialmente. Como a entrevistada desde pequena teve estímulos para se dedicar à área tecnológica, isso se tornou algo natural para ela. Já no outro relato, mesmo apesar da afinidade pela área de exatas, aconteceu o contrário. Como a família não tinha vivência nas áreas tecnológicas, a construção social da mulher acaba pressionando para que a mesma busque outra profissão e não aquela tida como masculina.

Conforme Olinto (2011), as meninas se avaliam como mais capazes para certas atividades e estabelecem para si estratégias compatíveis com o que consideram ou são levadas a considerar como mais adequado para elas. Portanto, é preciso evidenciar que não são os fatores biológicos e nem somente pessoais que levam as escolhas profissionais (RABELO e MARTINS, 2010).

Cada mulher enfrenta em sua rotina inserida na C&T desafios diferentes, porém questionadas sobre suas dificuldades, as Entrevistas foram categóricas ao afirmarem que mesmo estando numa área com predominância masculina não conseguem descrever que enfrentam grandes dificuldades para realizar o mestrado e o doutorado:

Eu nunca tive muito obstáculo, foi mesmo a dificuldade na parte da matemática teórica, que foram as disciplinas mais difíceis, era ter que estudar mesmo (ENTREVISTADA).

A maior dificuldade que encontrei foi à parte financeira, por que você não pode trabalhar, fazer o mestrado em outra cidade é complicado para conviver só com a bolsa, aí você depende de pai e de mãe, então o maior problema que encontrei foi apenas na parte financeira (ENTREVISTADA).

Porém quando perguntadas se perceberam algum tipo de sexismo e preconceito de gênero, relatam ter passado por situações constrangedoras por ser mulher.

Assim, a gente meio que se sente constrangida, algumas piadinhas em sala de aula, algumas coisas do tipo assim: “mulher tem que fazer curso de nutrição!”, você tem que escutar alguns professores dizer: “Você não dá muito certo para fazer cálculo não, você tem é que fazer pica couve 1, pica couve 2, pica couve 3”, coisas desse tipo, piadinhas constrangedoras, mas não tive problemas e nem deixei de ter ajuda por ser mulher. Pelo contrário, em relação ao estudo foi tudo no mesmo nível, igualdade e tratamento igual, tudo certinho! Então você depara com essas piadas, mas nada que eu te fale que tive um problema gigantesco ou não tenha conseguido me adaptar! Deu tudo certinho! (ENTREVISTADA).

Em outro momento, quando perguntada se encontrou alguma dificuldade para trabalhar na área da sua formação inicial a Entrevistada disse:

Na empresa de São Paulo tinha mais uma menina além de mim. Na verdade as piadas eram ao contrário, eles diziam que eu era mais macho que muitos homens, porque eu sempre gostei de futebol e essas coisas, então eles brincavam comigo (ENTREVISTADA).

Analisando essas últimas falas das entrevistadas evidenciam-se tanto desafios quanto estratégias das mulheres para supera-los. O que se pode apreender é que elas não possuem consciência ou não percebem que o sexismo presente em forma de piada representa uma violência simbólica. Para Bourdier (2012, p.7 e p.47), a violência

simbólica é “suave, insensível às suas próprias vítimas. [...] ela é doce e quase sempre insensível”.

Ao considerar as escolhas, motivações e dificuldades, entre tantos outros fatores que compõe a trajetória das egressas evidenciam-se que todas sem distinção precisam superar enormes desafios para alcançarem seus espaços e lutar incansavelmente para serem reconhecidas profissionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe à luz questões sobre a divisão sexual do trabalho e em que medida a condição feminina influenciou as trajetórias acadêmico-profissionais das egressas do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) e do Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática Computacional (PPGMMC) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG no período de 2005 a 2016. A partir dessa problematização foi possível conhecer as trajetórias acadêmico-profissionais dessas egressas compreendendo como a sua condição feminina influenciou as suas escolhas. Foi possível identificar que o número de mulheres egressas do PPGET é bastante superior ao PPGMMC do CEFET-MG no período estudado, o que remete à presença feminina ainda predominante nas áreas de humanidades e consequentemente reduzida atuação nas áreas de C&T. Tal fato evidencia que a divisão sexual do trabalho é um fator que influencia objetivamente a escolha acadêmico-profissional das mulheres.

Com esse estudo evidenciou-se que suas trajetórias foram marcadas por muitos desafios e dificuldades, mas principalmente por grandes conquistas acadêmicas e profissionais. No entanto, para isso as mulheres se reinventam criando várias estratégias de resistência para dar continuidade aos estudos em nível de doutorado e para a inserção e/ou ascensão na carreira profissional atual.

Para problematizar a relação conflitante da divisão sexual do trabalho foram utilizadas como base teórica “os dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho” propostos por Hirata e Kér goat (2007), nos quais: (i) existem trabalhos destinados às mulheres e trabalhos destinados aos homens, e (ii) o trabalho do homem, em todas as sociedades conhecidas até os dias atuais, tem um valor social e econômico agregado maior do que o da mulher.

As análises dos achados empíricos estão sustentadas na leitura de bibliografia sobre os temas divisão sexual do trabalho e a participação das mulheres nas áreas da educação e nas ciências e tecnologia. A revisão da literatura possibilitou construir um referencial sócio histórico e a fundamentação teórica da pesquisa. Por meio de entrevistas semiestruturadas e a partir da exegese de relatos de falas dessas mulheres evidenciam-se: (i) o reforço da existência de trabalhos destinados aos homens e as mulheres; (ii) que o trabalho do homem, continua tendo um valor social agregado maior do que o da mulher; (iii) o trabalho doméstico ainda é prerrogativa feminina e as horas dedicadas a ele atrapalham o desenvolvimento acadêmico e profissional delas; (iv) o modelo de conciliação do trabalho doméstico com o trabalho produtivo ainda continua sendo uma prerrogativa feminina, (iv) bem como o sacrifício da vida profissional em favor da maternidade e do cuidado com a prole e a casa; (v) as atividades masculinas no trabalho doméstico ainda figuram como “ajuda” e precisam ser solicitados e reforçados pelas mulheres para que ocorram; (v) os preconceitos e sexismo, sobretudo nas área de exatas/engenharia/computação é mais forte do que na área de educação, reforçando o estereótipo de que a docência é uma carreira feminina; (vi) a mulher sofre violências simbólicas em forma de brincadeiras e de cerceamento de suas atividades profissionais; (vii) as dificuldades delas são maiores do que as dos homens para se inserirem e ascenderem na profissão nas áreas de exatas/computação; (viii) estratégias de resistência e luta femininas são frequentes para superar tais desafios; (ix) a família constituiu um forte ambiente para perpetuar estereótipos ou mudar o status quo das escolhas das mulheres por uma outra área, constatando que os caminhos acadêmico-profissionais não são naturais, mas construções sociais, dentre outras.

Diante disso, a partir das motivações relatadas por essas mulheres evidencia-se que, a construção histórica e social da condição feminina ainda sofre grande influencia da família, sociedade e escola exercendo uma grande pressão nas escolhas das mulheres por determinadas áreas. Suas escolhas ainda estão cercadas por concepções ligadas às questões biológicas, dons e aptidões, em que as mulheres acreditam que possuem mais condição para atuar nas áreas ligadas ao cuidado e os homens nas áreas relacionadas à inteligência, objetividade e concentração.

A pesquisa também revelou como a divisão sexual do trabalho influenciou direta ou indiretamente na trajetória dessas mulheres no mundo acadêmico e na atuação profissional; confirmou um dos objetivos propostos inicialmente de que as relações de

gênero presentes nos espaços laborais e de formação profissional ainda continuam sendo marcadas por sexismo e estereótipos construídos socialmente, e que as entrevistadas também se enquadram no contexto da relação social recorrente entre o grupo dos homens e o das mulheres, no qual elas ainda assumem praticamente sozinhas as atividades domésticas e os cuidados com a família.

Observa-se ainda que na contramão do princípio organizador da divisão sexual do trabalho, essas mulheres muitas vezes romperam com estereótipos e transgrediram o status quo, superando os mais diversos tipos de preconceitos e de barreiras tidas como impossíveis para sua inserção e ascensão no mercado de trabalho nas profissões ditas masculinas e continuam responsáveis pelas atividades domésticas. Porém, nas carreiras C&T, observa-se que esse ainda é um terreno predominantemente masculino, e que ainda há muito que se caminhar para conseguir igualdade de gênero nessa área.

Durante a pesquisa percebeu-se que essa descrição construída socialmente a respeito da natureza feminina, que dialoga com os atributos de docilidade e submissão, criou, na verdade, uma cortina de fumaça que obscurece as formas de viver das mulheres, não mostra como estas possuem uma carga de trabalho superior a dos homens, e tenta diminuir as potencialidade e possibilidades de serem e ocupar o que espaço que elas quiserem.

Espera-se com as reflexões realizadas suscitar o debate acerca da divisão sexual do trabalho e das relações de gênero no universo acadêmico e profissional a fim de auferir mudanças e reduzir a desigualdade entre homens e mulheres, pois, ser diferente não pressupõe ser desigual.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. E. S. **Divisão Sexual do Trabalho:** A separação da produção do espaço reprodutivo da família. Trabalho, Educação e Saúde, v. 11, n. 2, p. 271-289, Rio de Janeiro, Maio/Agosto, 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **Decreto 5.224 , de 01 de outubro de 2004.** Dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004--2006/2004/decreto/d5224.htm>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

BOURDIEU, P. (2012). *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HIRATA, H.; KÉRGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, H.; KÉRGOAT, D. **Globalização e divisão sexual do trabalho**. Cadernos Pagu, São Paulo, v. 17/18, p. 139-156, 2001/2002.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais Anísio Teixeira –. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em 18 setembro de 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Séries Estatísticas & Séries Históricas**. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>. Acesso em 10 abr. 2018.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LIMA, B. S. In: **O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física**. Estudos Feministas: Florianópolis, setembro-dezembro, 2013.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOLJO, C. B. **La história oral y su relación com El Trabajo Social**. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo: Ed.Cortez, v.63, ano XXI, p. 95-119, jul, 2000.

MURARO, R. M., 1932. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. 8 ed. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

OLINTO, G. **Human resources in Science and technology indicators: longitudinal evidence from Brazil**. In: International Conference on scientometrics and informetrics, 12, 2009, Rio de Janeiro, RJ.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n.1, p.68-77 jul/dez. 2011.

RABELO, A. O. ; MARTINS, A. M.. **A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério**. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2010, Uberlândia. Anais... Aveiro: FCT, 2010. p. 6167-6176. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>. Acesso em: 06 agosto 2018.

ROSA, M. A. Gonçalves; QUIRINO, R.G. **Relações de Gênero na Ciência e Tecnologia (C&T): estudo de caso de um Centro Federal de Educação Tecnológica**. Diversidade e Educação, v. 4, n. 8, p. 42-55, 2016.